

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALESSA LÉSSIA LEAL GOUVEIA

**REFLEXÕES ACERCA DA AUTOLESÃO ELABORADAS POR ADOLESCENTES
DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE.**

JUAZEIRO DO NORTE

2019



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALESSA LÉSSIA LEAL GOUVEIA

**REFLEXÕES ACERCA DA AUTOLESÃO ELABORADAS POR ADOLESCENTES
DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE.**

JUAZEIRO DO NORTE

2019

ALESSA LÉSSIA LEAL GOUVEIA

**REFLEXÕES ACERCA DA AUTOLESÃO ELABORADAS POR ADOLESCENTES
DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação do Curso de Graduação em
Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, como requisito para a obtenção do
grau de bacharelado em Psicologia.

Orientador: Joel Lima Junior

JUAZEIRO DO NORTE

2019

REFLEXÕES ACERCA DA AUTOLESÃO ELABORADAS POR ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE.

Alessa Lélia Leal Gouveia¹

Joel Lima Júnior²

RESUMO

O presente artigo buscou analisar as imagens acerca da autolesão sob a ótica de adolescentes entre 12 (doze) e 15 (quinze) anos de uma escola pública municipal de Juazeiro do Norte-CE. Nesse sentido, foram identificados conceitos que envolvem a concepção de sofrimento psíquico da autolesão e a descrição de fatores que desencadeiam o comportamento autolesivo no intuito de identificar o que os adolescentes consideram como variáveis preventivas desse comportamento. O estudo é de cunho qualitativo e se utilizou do método descritivo, através da coleta de dados com entrevista semiestruturada, gravada e transcrita, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Os resultados indicaram que a autolesão é uma forma de expressão do sofrimento psíquico, tendo o corpo como válvula de escape para aquilo que não consegue ser dito, considerando a autonomia da autolesão como patologia e consequência de outros transtornos. Além disso, verificou-se que o apoio de um profissional da Psicologia aliado ao apoio familiar no âmbito escolar, se torna imprescindível para identificar fatores que despertam o sofrimento nos adolescentes a fim de mitigar as condutas autolesivas.

Palavras-chave: Autolesão. Adolescentes. Escola. Psicologia.

ABSTRACT

This article aimed to analyse the images about self-injury from the perspective of adolescents between 12 (twelve) and 15 (fifteen) years old, of a municipal public school in Juazeiro do Norte-CE. In this sense, concepts were identified that involve the conception of psychological distress of self-injury and the description of factors that trigger self-harming behaviour in order to identify what adolescents consider as preventive variables of this behaviour. The study is qualitative and used the descriptive method, through data collection with semi-structured interview, recorded and transcribed, by signing the Informed Consent Form (ICF). The results indicated that self-injury is a form of expression of psychic suffering, with the body as an escape valve for what cannot be said, considering self-injury as a pathology and consequence of other disorders. In addition, it was found that the support of a psychology professional, together with family support in the school, becomes essential to identify factors that arouse the suffering in adolescents in order to mitigate self-harming behaviour.

Keywords: Self-injury. Teens School. Psychology.

¹ Discente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Email: alessa_gouveia@hotmail.com

² Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Email: joellima@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Debater acerca do fenômeno da autolesão provoca uma série de questionamentos que se correlacionam com a fase da adolescência, uma vez que durante essa transição podem ocorrer inquietações advindas de relações afetivas, escolares, familiares e sociais. Considerando este contexto, a autolesão surge como forma de externar dor emocional travestida de um desequilíbrio psíquico, uma vez que, por ser tão recorrente, ocupa atualmente posto autônomo de patologia conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V (2014) da American Psychiatric Association - APA (Associação Americana de Psiquiatria), e não mais mera característica de outros transtornos.

Neste segmento, se destaca que a adolescência consiste em um período de transição do indivíduo, desse modo, vislumbra-se que essa fase acompanha mudanças significativas que repercutem em toda a vida, pois é a partir dela que são realizadas descobertas acerca de inúmeras coisas relativas às mudanças no corpo e no comportamento.

Sabe-se que o período escolar surge como uma importante fase na vida de uma pessoa, já que a partir dele há a interação mais complexa do indivíduo em suas relações íntimas devido à convivência com outras pessoas. Esse contato pode ser encarado tanto de maneira positiva como negativa, posto que nem todos os vínculos que se formam representam convívio agradável, como é o caso do *bullying*. Para tanto, outros fatores como o déficit de apoio familiar podem comprometer seriamente o desempenho do indivíduo na fase escolar.

O presente estudo versa sobre reflexões acerca da autolesão elaboradas a partir da perspectiva de adolescentes de uma escola municipal de Juazeiro do Norte-CE. Assim, foram incorporados ao trabalho considerações relevantes que norteiam a autolesão não suicida (ANS), com foco na fase da adolescência dentro do contexto escolar.

O artigo conta com conceitos de alguns autores como Papalia (2012), Feldman (2013) e Borges (2012), que produzem referências de maneira significativa para o tema em debate, uma vez que a autolesão é um conceito em constante mutação. Para tanto, serão realizadas abordagens acerca do comportamento autolesivo e as formas de lidar com o sofrimento apontando maneiras que não atinjam o corpo, oferecendo

mais espaço ao diálogo a respeito da sua dor, com intuito de acolhimento para tratar de assuntos que acarretam sofrimento.

A escolha do tema se justifica pelo fato da autolesão em adolescentes representar um denso debate no cenário atual, tendo em vista que está relacionado a inúmeros fatores emocionais como a depressão, vazio existencial, angustia generalizada, entre outros, tendo como destaque a necessidade de interação com a comunidade a fim de oferecer oportunidade de diálogo e compartilhamento de suas angustias através de um olhar psicossocial que muitos não possuem acesso. Além disso, a importância do estudo permite criar referências futuras que poderão ser utilizadas por outros estudantes que queiram abordá-lo como contribuição para a psicologia, uma vez que este apresenta relevância considerável para o nosso contexto acadêmico. É justamente nesse eixo que profissionais da área da psicologia empenham seus esforços na busca de compreender os motivos que desencadeiam os atos autolesivos a fim de promover uma orientação eficaz para aliviar o sofrimento vivenciado por esses adolescentes.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo geral uma análise das imagens acerca da autolesão em adolescentes com faixa etária compreendida entre doze a quinze anos em uma escola municipal de Juazeiro do Norte-CE. A partir das perspectivas que envolvem a autolesão, objetivos específicos como à identificação dos conceitos que relacionam a concepção de sofrimento psíquico e a descrição de fatores que desencadeiam o comportamento autolesivo, foram imprescindíveis para verificar o que os adolescentes consideram como variáveis preventivas acerca do comportamento em análise.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ADOLESCÊNCIA

Os conceitos que envolvem a adolescência são considerados contemporâneos de certa forma, pois emergindo num contexto histórico, vislumbra-se que até o século XVIII a adolescência era confundida com a infância pelo fato de não existir algo que determinasse com clareza esses limites, portanto, o que mais se aproximava dessas questões delimitantes nessas duas fases dizia respeito à dependência que a pessoa possuía do que as próprias transformações físicas trazidas pela puberdade.

Posteriormente, o fenômeno de ascensão da burguesia permitiu que modificações na estrutura escolar delimitassem com mais objetividade a formação que se subdividiu em primária e secundária, fato este que possibilitou uma distinção mais acentuada das fases mencionadas (BECKER, 2003).

Conforme as lições de Papalia (2013), a adolescência pode ser definida como um período de transição entre a infância e a adolescência, onde surgem eventos de natureza biológica como mudanças nas características corporais e comportamentais marcadas fortemente pelo início da puberdade, já que se trata de uma fase de construção da maturidade do indivíduo como um todo. A referida fase envolve variáveis sociais, econômicas e culturais, uma vez que estas influenciam diretamente no processo de construção individual, que para alguns autores tem início aos 11 (onze) anos e pode se estender até os 20 (vinte) anos de idade.

Considerando o exposto, podemos destacar que a puberdade é o marco inicial da adolescência, pois ela acarreta acelerado desenvolvimento físico em decorrência de fatores hormonais. No sexo feminino algumas manifestações marcam esse período, como a primeira menstruação, o crescimento de pelos pubianos, desenvolvimento das mamas e o alargamento dos quadris. Já no sexo masculino, além do crescimento dos pelos pubianos, há o crescimento do pênis e dos testículos, a primeira ejaculação, desenvolvimento da musculatura, engrossamento da voz e surgimento de barba (BERGER, 2013).

Desse modo, a criança e o adolescente passaram a adquirir mais visibilidade enquanto sujeito de direitos com o advento da Constituição de 1988, pois ela foi o ponto de partida para reivindicar as garantias básicas conferidas a estes, como saúde, educação, moradia, lazer, dentre outros, como sendo responsabilidade do Estado e de toda a sociedade, que anterior a este momento era tratado de maneira irregular pelas legislações. Do ponto de vista legal, vislumbra-se que para o Estatuto da Criança e do Adolescente no caput do art.2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 2008). Assim, o Estatuto em comento é norteado pelo princípio da proteção integral que está disposto no art. 227 da Constituição Federal, que atribui à família, sociedade e ao Estado, o dever de zelar pelas garantias e direitos fundamentais da criança e do adolescente, conforme as disposições contidas nesse diploma legal, como, por exemplo, o direito à vida, saúde, educação, qualquer tipo de opressão ou sofrimento, dentre outros (BRASIL, 1988).

Quando ampliamos as discussões acerca da adolescência vislumbramos um viés social no momento em que esta é enxergada como fruto de uma construção social. Para tanto, é nesse período que as pressões da vida adulta começam a surgir, porque há uma cobrança no tocante a formação da vida profissional, ao desempenho dos estudos e até mesmo nos relacionamentos afetivos, ou seja, ocorre um despertar das responsabilidades para a fase adulta de maneira abrupta (PAPALIA, 2013).

A partir desse contexto se destaca uma evidente assimetria no que tange à adolescência, já que nessa respectiva fase o indivíduo atravessa um turbilhão de dificuldades relacionadas às modificações corporais, desacertos familiares e até mesmo em suas necessidades básicas de vida como alimentação, moradia, vestuário e também a fim de almejar perspectivas de um futuro confortável, como é o caso de oportunidades de emprego e o ingresso de qualidade num ensino superior, por exemplo (BECKER, 2003).

Partindo para uma perspectiva no campo psicológico, constatamos uma vulnerabilidade do indivíduo na fase da adolescência, considerando que há uma sensibilidade emocional mais intensa que pode originar uma inconstância comportamental, como é observado nas interações afetivas, sociais e na excessiva insegurança, o que por vezes ocasiona distúrbios psicológicos como a ansiedade e a depressão (BERGER, 2013).

2.2 ABORDAGENS ACERCA DA AUTOLESÃO

Quando se buscam definições que contemplam um conceito para a autolesão, encontra-se uma vasta nomenclatura que é utilizada para fazer referência a esta, como é o caso da utilização do termo automutilação (*self-mutilation*), autoagressão deliberada (*deliberate self-harm*), a autoagressão (*self-harm*), autolesão episódica e repetitiva (*episodic and repetitive self-injury*), corte (*cutting*), autolesão repetida (*repeated self-injury*), parasuicídio (*parasuicide*), autoferimento (*self-wounding*), e, por fim, o comportamento autodestrutivo (*autodestructive behavior*). É importante destacar que essa amplitude de nomenclaturas está correlacionada a fatores culturais de cada país, porém a expressão “autoagressão deliberada” (*deliberate self-harm*) se destaca entre as demais por abarcar ações autodirigidas de sofrimento ao corpo com ou sem intenção suicida (BARBEDO, 2009 *apud* BORGES, 2012).

Sendo assim, a autolesão surge no contexto atual como uma forma que o indivíduo utiliza para expressar comportamentos agressivos utilizando o corpo para concretizá-los, sem que haja a intenção de cometer suicídio. Nesse sentido, tratar do comportamento autolesivo abarca uma gama de fatores relacionados ao mundo moderno, como a falta de interação social, problemas familiares e até mesmo no ambiente escolar (ALMEIDA *et al.*, 2018).

Para tanto, podemos considerar que o período escolar se destaca por representar uma fase que marca toda a vida de um indivíduo, especialmente quando este vivencia a fase de transição da infância para adolescência, onde há uma infinidade de descobertas e de autoconhecimento.

Assim, a autolesão não suicida está interligada aos comportamentos que ocasionam danos intencionais ao indivíduo que o pratica, de modo que este se encontra a par das consequências físicas e psíquicas resultantes de tal evento. É certo que tais comportamentos podem se manifestar em quaisquer fases de nossas vidas, porém a adolescência chega a ser a fase em que há uma recorrência maior desse fenômeno justamente por se tratar de um período carregado de acontecimentos decisivos na vida de uma pessoa (SANTOS, 2018).

Alguns fatores se associam à conduta autolesiva, como, por exemplo, condições psicopatológicas, casos de autismo em que a pessoa sofre pela escassa capacidade de comunicação e acaba se utilizando da autolesão como uma maneira de se expressar, além de fatores biológicos, alguns que envolvem a intimidade como o relacionamento com a família, amigos e namorado (a). A partir disso é que principalmente as pessoas que mantêm um convívio com adolescentes devem atentar-se aos sinais que possivelmente estes sinalizam quando estão vivenciando algum tipo de conflito, usando o diálogo como a ferramenta principal para se chegar ao entendimento dos seus anseios (SANTOS, 2018).

Desse modo, a autolesão ultrapassou algumas mudanças conceituais ao longo dos tempos que foram relevantes para o entendimento e construção de alguns estudos relacionados à área da psicologia escolar, já que todo esse cenário está em constante evolução. Para isso, é interessante observar os ensinamentos de autores que produzem referências recentes a respeito da temática. Assim, observamos as lições de (ALMEIDA *et al* 2018, p.148) sobre o conceito de autolesão, onde esta aparece como:

uma forma disfuncional de enfrentar situações-problema, praticada por indivíduos que possuem poucas estratégias de enfrentamento, dificuldade para regular o afeto e limitada habilidade de resolução de problemas, prevalecendo principalmente entre adolescentes; podendo tornar-se um comportamento grave e incapacitante caso venha a persistir na vida adulta.

Em observância ao trecho supracitado, percebe-se que o comportamento autolesivo deriva de situações nas quais as pessoas se veem sem saída para resolver determinadas situações e acaba externando toda a sua frustração no próprio corpo, pois o utilizam como uma maneira de enfrentamento dos seus anseios, já que desconhecem outras saídas para enfrentar o problema. Assim, por representar um período determinante na vida do indivíduo, a adolescência combinada ao ambiente escolar é o período em que há predominância desses relatos de autolesão, justamente pela divulgação desses atos que só acabam reforçando a prática, se tornando até comum entre os adolescentes.

Assim, a prática da autolesão acaba se difundindo e ganhando espaço quando, por exemplo, celebridades ou outras figuras públicas expõem seus relatos nas mídias, o que vem a ser uma séria situação, uma vez que há grande alcance dessas informações que acabam atingindo e até mesmo influenciando pessoas. A partir disso, partimos para uma análise de como essas experiências impactam o cotidiano dos adolescentes na escola, que deve prestar acompanhamento e promover auxílio a esses casos com ajuda de familiares, que por vezes sequer imaginam as dificuldades vivenciadas no dia-a-dia destes (ALMEIDA *et al.*, 2018).

3 METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo e para sua viabilidade se utilizou do método descritivo, sendo realizada a coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada, gravada e transcrita, considerando que “na pesquisa descritiva se observam, registram, analisam, classificam e interpretam os fatos sem que o pesquisador lhes faça qualquer interferência. Assim, o pesquisador estuda os fenômenos do mundo físico e humano, mas não os manipula” (PRESTES, 2012, p. 30).

3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

O presente estudo foi realizado em uma escola pública municipal de um bairro periférico da cidade de Juazeiro do Norte-CE, que atende 521 (quinhentos e vinte e um) alunos. Sua viabilidade deu-se a partir do apoio de duas coordenadoras que compõem o núcleo gestor desta, além de 36 professores, a diretora administrativa, a orientadora educacional e de um grupo de 13 (treze) alunos de sétimo ao nono ano, sendo dez do sexo feminino e três do sexo masculino, que se disponibilizaram voluntariamente para responder a entrevista.

3.2 SUJEITOS

O público-alvo da pesquisa foram adolescentes cuja faixa etária está compreendida entre doze e quinze anos. A escolha deste justifica-se a partir da recorrência de relatos sobre a autolesão em adolescentes, tendo em vista que a adolescência compreende uma fase de intensas mudanças na vida do indivíduo. Diante disso, foram selecionados 13 (treze) alunos – sendo, respectivamente, 10 (dez) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino. Desses alunos, 4 (quatro) são do sétimo ano, 4 (quatro) do oitavo e 5 (cinco) do nono ano.

No que diz respeito à religião, 9 (nove) se declararam católicos, dentre os quais 5 (cinco) se encaixaram na modalidade praticante e 4 (quatro) na não praticante; 1 (um) se declarou espírita, 1 (um) se definiu como odeísta e 2 (dois) sem nenhuma crença. Com relação à renda familiar, 8 (oito) não souberam definir, 3 (três) relataram que a renda familiar é em média um salário mínimo, 2 (dois) relataram que varia de dois a três salários mínimos. Sobre o bairro onde residem, 1 (um) respondeu que mora nas Timbaúbas, 1 (um) no São Miguel, 1 (um) no Pio XII, 2 (dois) no Aeroporto, 2 (dois) no Leandro Bezerra e 6 (seis) na Vila Fátima.

3.3 PROCEDIMENTO

3.3.1 Coleta

Para realizar a coleta de dados, houve a aplicação de uma entrevista semiestruturada que fora posteriormente transcrita, e, para isso, foram utilizados blocos de anotações e gravadores, pois isso contribuiu para a viabilidade do processo de observação da pesquisa, já que se tratou de uma amostra probabilística por

conveniência e que alguns alunos já apresentaram conhecimento prévio acerca da autolesão. Ressalta-se que o presente artigo foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da UNILEÃO com o nº 13832519.8.0000.5048.

Preliminarmente, foram abordadas na entrevista algumas perguntas iniciais como idade, sexo, escolaridade, religião (praticante ou não praticante), renda familiar e bairro onde mora. Em seguida partiu-se para o roteiro de entrevistas que continha as perguntas a seguir: (1) Quais são as primeiras 05 (cinco) palavras que vêm à sua mente quando você pensa na palavra escola? (2) Relate as experiências que você teve dentro da escola. O que foi positivo? O que foi negativo? (3) Já ouviu falar na palavra autolesão? Sabe o que significa? Conhece alguém com esse comportamento? Qual o grau de parentesco ou o tipo de relacionamento que possui com essa pessoa? (4) O que leva uma pessoa a autolesão? (5) Em algum momento já passou pela sua cabeça fazer a mesma coisa? O que fez você pensar em fazer isso? Em quais situações? Há quanto tempo você faz? Quando começou? Ainda tem esse comportamento ou já parou? O que te fez parar? (6) Caso já tenha pensado, mas não tenha feito o que fez com que não consumasse? (7) Em sua opinião, como a escola pode ajudar essas pessoas? (8) Como a família pode ajudar essas pessoas? (9) Se você soubesse que alguém próximo a você está se autolesionando, o que gostaria de dizer a essa pessoa?

Destarte, os usuários que não se adequaram aos critérios anteriores e os que recusaram a assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) não participaram da pesquisa, pois a anuência mediante a assinatura do referido termo é essencial para prosseguir com o estudo. Optou-se pelas entrevistas semiestruturadas devido à flexibilidade que estas proporcionaram ao entrevistador no momento da condução da entrevista ao expor os aspectos qualitativos relativos ao sofrimento que levam a comportamentos autolesivos.

3.3.2 Análise de dados

Para a análise dos dados foi utilizada a proposta de análise de conteúdo desenvolvida por Demartini (1988). Segundo a autora, “as entrevistas são muito mais ricas em informações que as fontes escritas, embora estas últimas apresentem uma sequência histórica e cronológica e atenham-se mais ao aspecto educacional” (DEMARTINI, p. 61 e 62). Desse modo, ressalta-se a importância da transcrição das

entrevistas pelo próprio autor, que conforme o pensamento supra, oferece originalidade à pesquisa.

A fim de compreender as etapas que envolvem o método descrito, explorou-se uma abordagem pautada na fidelidade do discurso coletado, pois além de seguir o roteiro proposto, buscou-se, concomitantemente, explorar as reações expressadas pelos entrevistados no ato da entrevista, como risos - principalmente, olhar fixo, sentimentos de raiva, mudanças no tom de voz e gesticulações. Portanto, leituras flutuantes acerca do tema e a elaboração de fichamentos se fizeram necessários para o alcance do objetivo proposto, que residiu justamente na indicação de maneiras mais adequadas de lidar com as situações problema, de modo a buscar a alternativa mais adequada para a resolução de conflitos (DEMARTINI, 1988).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 AS EXPERIÊNCIAS NO ÂMBITO ESCOLAR

No momento de imersão no universo da pesquisa, alguns pensamentos se destacaram nos discursos dos entrevistados e trouxeram considerações positivas e negativas quanto ao contexto que envolve a autolesão no ambiente escolar e como esta é encarada entre os estudantes. Assim, evidenciamos algumas reflexões positivas nos discursos a seguir:

Bons professores, uma boa coordenação, pessoas que se entrosam muito rápido e não tem preconceitos (...) (E06 – M – 14a)³
 Minhas amigas, eu tenho muitas novas amigas. (E10 – F – 12a)
 É que eu posso mais ficar acolhedora, tipo eu sou mais junta com os meus colegas. (E02 – F – 13a)

Portanto, denota-se que o ambiente escolar é dotado de tamanha complexidade que acaba se tornando um microcosmo da sociedade, ocupando um cenário cercado de inúmeras possibilidades de intervenção. Para Libâneo (1984, p.163-164) “os objetivos da escola se confundem com a ação exercida sobre crianças e adolescentes (principalmente), para torná-las aptas a viver numa determinada sociedade”. Esse trecho demonstra que a escola não somente transmite informações

³Para manutenção do sigilo das informações pessoais, foi atribuída a sigla “E” para indicar o entrevistado e o número que o segue para identificar a ordem da entrevista, acompanhado das siglas “F” ou “M” para indicar o sexo, e, por fim, o indicativo da idade do(a) entrevistado (a).

aos alunos, mas também é responsável por guiar a respeito de rumos da vida em sociedade, ensinando-lhes os costumes da região no intuito de permitir a interação com pessoas dentro e fora do seio familiar.

Partindo de uma análise da sequência discursiva, pode-se pensar no ambiente escolar como determinante na formação de um indivíduo, e, dessa forma, é crucial entender algumas particularidades deste. Sendo assim, o acompanhamento da equipe do núcleo gestor acaba se tornando um pilar de apoio para os alunos, pois enxergam a escola como uma extensão daquilo que era para ser encontrado principalmente no seio familiar assim como observamos nos discursos do E06.

Conforme Oliosi (2012), dentro do ambiente escolar as relações afetivas e os laços sociais começam a se formar, e como as pessoas investem boa parte de sua vida na escola, esta proporciona espaços de convivência para os alunos que constroem as suas relações de acordo com a afinidades com outros colegas. Desse modo, pode-se extrair que durante o período escolar as pessoas podem se relacionar umas com as outras por mero momento de divertimento, mas também podem fortalecer vínculos e originar uma relação afetiva duradoura que ultrapassa o ambiente escolar, assim como de vislumbra no E02 e E10.

Experiências negativas também foram atreladas ao ambiente escolar, o que se mostra fortemente na sequência dos discursos abaixo:

Chegando aqui eu não fiz muitos amigos, eu passei o ano todo praticamente sem amigos (...) (**E04 – F – 14a**)

(...) Já tive um monte de briga aqui já (riso) isso foi negativo, assim que eu entrei aqui uma menina queria me bater, correr atrás e mim. (**E11 – F – 14a**)

(...) A pessoa fica com tédio e com pressão porque as pessoas querem que você seja o melhor só que forçando a barra em tudo (...) (**E12 – M – 14a**)

A falta de dinâmica e acolhimento na escola também pode ocasionar um processo de afastamento e supressão do aluno, assim como destaca a E04. Para tanto, na concepção de Lino (2008 *apud* BOB, 2009), a ideia de escola inclusiva se trata de mera utopia, uma vez que a exclusão se faz presente de maneira comum nesse espaço onde não há preparação adequada para a realidade dos sujeitos com necessidades educacionais especiais e os que carecem de uma demanda específica no ambiente escolar. Isso encontra sentido quando imaginamos um indivíduo que precisa de atenção diferenciada na escola e tem que se inserir no contexto educacional de outras pessoas que majoritariamente não possuem a mesma carência.

Para o E11, a prática do *bullying* é outro fato gerador que torna o ambiente escolar negativo, pois dentre as suas inúmeras manifestações Ramos (2008, p.01-02), aborda algumas delas que consistem no ato de “perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, um outro aluno”. É relevante apontar que essa prática é concretizada por um aluno ou mais e suas consequências transcendem o espaço escolar, já que os efeitos traumáticos repercutem nas particularidades da vida do sujeito, e que podem comprometer seriamente o seu desempenho escolar.

Outra consideração que merece destaque, diz respeito a situações de pressão vivenciadas no ambiente escolar, assim como é visto no discurso do E12. Como revela Freitas (2018, p.27), “a educação atual, de uma forma geral, apregoa a autorrealização a qualquer custo, mas se esquece de motivar para a fortaleza pessoal diante das dificuldades no caminho da realização”. Esse dispositivo demonstra o quanto os jovens são ensinados para a obtenção de sucesso e não são preparados para encarar os seus eventuais fracassos, o que ocasiona uma série de frustrações que podem resultar em um desequilíbrio emocional.

Ainda é possível extrair do discurso do E12, que o desinteresse de alguns alunos no aprendizado pode estar associado à falta de dinâmica em sala de aula ou até mesmo na relação professor-aluno que possivelmente não é bem estabelecida, o que exige dos educadores a incrementação das aulas por meio de processos dinâmicos que possibilitem o desempenho dos alunos. Afinal, a condição desses sujeitos enquanto adolescentes implica numa forma de concentração diferenciada dos adultos devido a seu desenvolvimento em um nível biológico (PAPALIA; FELDMAN, 2013), o que exige dos educadores que busquem estratégias para lidar com isso.

4.2 AS IMAGENS ACERCA DA AUTOLESÃO

4.2.1 Conceituando Autolesão

Para Oliveira (2016), a autolesão pode ser considerada como uma forma de machucar a si sem intenção suicida, o que vem a ser mais comum na fase da adolescência, onde há intensa necessidade dessa prática em detrimento de um pertencimento a algum grupo por parte daqueles que a praticam, mesmo sendo um

ato que geralmente é repulsivo para grande parte da sociedade. Ocorre que, a prática da autolesão carrega um significado para os indivíduos que a consumam. Destaca-se que os membros superiores (braços) são vistos como o local mais propício para a realização das condutas autolesivas. Para tanto, podemos evidenciar que os adolescentes adeptos dessa prática sentem um desejo de autopunição, conforme se observa nos discursos colhidos abaixo:

(...) Quando uma pessoa tá sofrendo alguma coisa e ela não quer descontar isso nas pessoas e ela desconta nela mesma. Conheço, amigo, eu também já fiz isso. **(E01 – F – 14a)**

É quando as pessoas passam por problemas muita das vezes ou quando tem alguma doença e meio que ela não se sente confortável do jeito que é e tals e por meio de objetos cortantes começa a se cortar (...). **(E06 – M – 14a)**

São pessoas que buscam tentar aliviar sua dor culpando o seu corpo. **(E07 – F – 14a)**

(...) É quando a pessoa se machuca ela tem alguma coisa relacionada com o emocional dela e psicológico também. **(E08 – F – 14a)**

A partir da análise dessas sequências discursivas, é perceptível que o adolescente que apresenta comportamentos autolesivos está externando fisicamente aquilo que psicologicamente ele não consegue suportar, e acaba utilizando o corpo como instrumento para amenizar toda a repressão em decorrência de algum desamparo emocional.

Como fora visto no discurso do E06, a falta de aceitação corrobora bastante para que essas lesões se concretizem principalmente através de objetos perfurocortantes, como é comum o uso de estiletos e tesouras. Outro ponto que merece destaque, como se refere o E07 que imagina a autolesão como válvula de escape das situações, e que ganha reconhecimento enquanto problema de ordem psíquica no depoimento do E08.

4.2.2 Possíveis Causas do Comportamento Autolesivo

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V (2014) a autolesão está interligada a outras patologias como o transtorno da personalidade de borderline, o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno dissociativo, a prática do bullying, dentre outros. Isso implica dizer que a prática autolesiva é encarada como sintoma de outras síndromes, comorbidades e

transtornos. Ocorre que o mesmo manual considera a prática como patologia autônoma, ou seja, ela ocupa posição de uma patologia que independe de outras para se manifestar. Desse modo, os sujeitos que se envolvem em comportamentos autolesivos esperam obter como consequência um alívio de situações que ocasionam sofrimento psíquico, dificuldades comunicativas e até mesmo o desejo por sensação positiva ocasionada em decorrência do ato, que pode ser vivenciada no curso ou após a execução da autolesão.

Nas sequências discursivas abaixo, denota-se algumas considerações dos entrevistados na identificação de uma causa para justificar tal comportamento, observa-se:

Eu acho que a falta de atenção, a falta de um amor de acolhimento (...)
(E02 – F– 13a)
 (...) Uma pessoa para ela chegar no ponto de se automutilar ou sofrer a autolesão em si (...) deve tá passando por algo que ela não consegue explicar e ela não consegue conter esse algo e acaba se machucando.
(E04 – F – 14a)
 Problemas familiares e econômico ou porque não tá aguentando muito a vida. **(E12 – M – 14a)**

Analisando as sequências acima, destacam-se que as relações sociais e afetivas de alguns entrevistados são conturbadas em face da necessidade de afeto e atenção. Isso se torna evidente nos trechos supracitados, uma vez que é clara a falta de apoio por parte de outras pessoas que convivem com esses adolescentes, justamente por se tratar de uma fase transitória e com diversas mudanças, sejam elas de ordem biológica, social ou emocional, além das cobranças que passam a aumentar em decorrência do estudo, o anseio de uma futura profissão, dentre outros fatores. Os adolescentes se sentem confusos e muitas vezes sem respostas, pois muitos não tem acesso a um diálogo sobre essas mudanças marcadas pela puberdade, seja em casa ou no ambiente escolar.

A vulnerabilidade social também é considerada como um fator que contribui para desencadear a autolesão, pois as dificuldades socioeconômicas enfrentadas no seio familiar é um motivo que interfere na qualidade de vida dos sujeitos. Assim, esta é vista como um termo que pode abranger diversos significados, por se referir a uma série de fragilidades que afetam a vida dos indivíduos e comprometem de alguma forma seu desenvolvimento e a capacidade de reação a eventos negativos, afinal tais dimensões estão ligadas a elementos do meio social onde os indivíduos estão

alocados (CUNHA *et. al.*, 2004). Assim como enfatiza o discurso do E12 quando se refere aos problemas familiares.

Seguindo esse raciocínio Rosa; Costa (2009, p.167 *apud* ARAÚJO ,2015, p. 20), faz menção à vulnerabilidade “como à incapacidade de responder de maneira positiva a situações adversas do meio ou a maior probabilidade de sofrer riscos tanto sociais como ambientais”, algo que, quando voltamos ao contexto social, decorre de inúmeros fatores que estão fora do alcance dessas pessoas, vindos de um modelo de sociedade pré-existente que acaba por estruturar a vida de todos e posicionar algumas pessoas como vítimas ou com maior possibilidade de ocuparem tal lugar.

4.2.3 Praticando a Autolesão

O ato de lesionar-se encontra correlações com inúmeras causas como se observa até o momento. Identificar o comportamento autolesivo é o ponto de partida para pôr em prática alguns mecanismos de amparo ao sujeito que apresenta algum transtorno de ordem psíquica, e que deve ser feito em conjunto com família e a escola, considerando que esta acompanha a fase de desenvolvimento do indivíduo da adolescência até o início da vida adulta. Nessa linha, o auxílio profissional de um psicólogo ganha destaque especial por constituir uma ferramenta indispensável para alcançar bons resultados no tratamento da autolesão.

A necessidade de amparo familiar e a ausência de diálogo das pessoas que convivem com os adolescentes adeptos da autolesão não suicida (ANS) só reforça mais ainda que os adolescentes que a praticam se valem desta para comunicar algo de errado, seja por carência de atenção ou problemas de ordem pessoal. Assim, na concepção de Klonsky; Glenn (2008 *apud* PEREIRA, 2016, p. 02). “A ANS é encarada como um pedido de ajuda, uma chamada de atenção ou como uma tentativa de se ser levado mais a sério”. A sequência de depoimentos trazidos abaixo revela como essa assertiva encontra sentido no momento em que os entrevistados expressam como a assistência familiar e a compreensão por parte dos indivíduos que integram o ciclo dos adolescentes são cruciais para conter a prática da autolesão:

(...) Meu pai ele não dava muita atenção pra mim... ninguém queria ser meu amigo (...) Eu parei, que meu pai começou a dá mais atenção pra mim e eu resolvi parar de pensar nisso porque toda vez que eu

pensava em fazer isso eu pensava em fazer algo maior tipo me suicidar. (E01 – F – 14a)

(...) É como se a dor tivesse calma, então quando você o primeiro corte seu acaba que vira rotina então você vai se cortando a cada dia tá entendendo? (...) (E02 – F – 13a)

(Risos) Eu me machucava com lápis, estilete, caneta eu chegava a cortar tenho algumas cicatrizes nas coxas (...) (E04 – F – 14a)

(...) Eu fiquei com muito medo e cortei um pouquinho só que eu nunca mais fiz, quando eu tô com raiva eu faço outras coisas (...) (E07 – F – 14a)

(...) Eu sofria bullying me chamava de todo tipo de nome as pessoas, mas, eu parei as pessoas me respeitam agora (E11 – F – 14a)

Eu me corto às vezes (entonação triste na fala) quando eu tenho raiva eu lembro de tudo que eu passei e tô passando de novo aí eu me corto. (E13 – F – 15a)

Analisando o depoimento do E11, identifica-se uma nova maneira de justificar a autolesão, que é a prática do *bullying*, que conforme Hughes (2014 *apud* PEREIRA, 2016, p. 03), consiste numa prática que se manifesta de maneira verbal ou física e apresenta três elementos para a sua caracterização, quais sejam: “ (1) a intenção de causar medo ou mal, (2) ser repetitivo, (3) ser perpetuado por uma pessoa que exerce algum tipo de poder sobre outra pessoa que se subjugava a esse poder”. Dessa forma, podemos reconhecer que o *bullying* se tornou um elemento que interfere nas relações dentro e fora do ambiente escolar, pois a necessidade de aceitação dos adolescentes em grupos reflete diretamente no comportamento e atitudes dos sujeitos.

4.3 O QUE PODE SER FEITO?

4.3.1 Família

Assim como preceitua o *caput* do art. 226 da nossa Constituição Cidadã (1988) “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. A partir dessa assertiva, destaca-se que independente do tipo de entidade familiar, o ente estatal deve prestar auxílio a fim de resguardar os direitos e garantias fundamentais de cada integrante que compõe o núcleo familiar, tendo em vista que o conceito de família sofreu mutações ao longo do tempo, não sendo possível haver distinção em quaisquer formação de núcleo familiar, pois diante da pluralidade de arranjos familiares não se deve haver distinções. Salienta-se que a referida alteração pertinente ao conceito de família não foi evidenciada de forma literal no texto constitucional, já que houve

apenas uma ressignificação conceitual em decorrência das mudanças que aconteceram com a evolução da sociedade.

Para tanto, a sequência de relatos abaixo põe em destaque a importância que a família desempenha no processo de compreensão e apoio aos adolescentes em situações conflituosas, reforçando mais uma vez como o ambiente familiar equilibrado pode ser crucial para a saúde e equilíbrio psíquico desses indivíduos:

Ensinando desde sempre a vida como ela é, aprender a lidar com isso, saber como reagir nessas situações porque para um adolescente chegar a cometer a autolesão ele deve tá muito sozinho (...) **(E04 – F – 14a)**

Pode conversar sobre, pode levar ao psicólogo, não sei, pra ver se ele pode ajudar pra tirar esse pensamento da cabeça por meio de conversas de ocupação. **(E06 – M – 14a)**

Deveriam se importar mais com seus filhos e não tratar como lixo e prestar mais atenção nas suas ações. **(E07 – F – 14a)**

Instantaneamente, se destaca como o ambiente familiar é um pilar de apoio para o desenvolvimento equilibrado da criança e do adolescente, e, por isso, se revela como fundamental para a formação destes. Tal consideração se torna bem evidente nos discursos supracitados, onde a ausência de responsabilidade e confiança nos membros familiares provocam uma série de desarranjos e sofrimentos, ocasionando uma carência afetiva e uma barreira que surge em decorrência da falta de compreensão. Destarte, verificou-se que a maioria das famílias dos entrevistados vivem em situação de vulnerabilidade social, o que só torna cada vez mais difícil o processo de integração familiar, pois é um fator intimamente ligado ao desequilíbrio familiar e também pode ser considerado como um eventual gatilho para o início do desencadeamento dos comportamentos autolesivos (PRATI *et al.*, 2009 *apud* RAPOPORT, 2017).

Assim como preceitua Barreto; Rabelo (2015), com as mudanças sociais contemporâneas, muitos pais tentam deixar os seus filhos livres no sentido de não os sufocar, porém muitas vezes deixam a desejar um diálogo equilibrado para que eventuais acontecimentos não venham a se concretizar. Como o ato autolesivo, a distância se faz necessária em todo relacionamento, seja de ordem afetiva ou profissional, mas é indispensável que haja um certo controle dentro do relacionamento de pais e filhos, não deixando que problemas interpessoais transpassem e acabem atingindo os filhos. O respeito e o afeto são primordiais para que haja um

disciplinamento sobre como enfrentar momentos difíceis da vida, como se nota na sequência discursiva do E04, que apresenta a falta de diálogo sobre determinados assuntos difíceis que acabam gerando sofrimento que podem levar ao comportamento autolesivo.

4.3.2 Escola

Para Freitas (2018), o ambiente escolar é visto como ponto de apoio para muitos estudantes, pois muitos deles encontram refúgio para inúmeros problemas pessoais e até de ordem familiar. Assim, se faz mister o papel do educador no desenvolvimento dos adolescentes, que devem estabelecer uma relação livre de julgamentos a fim de propiciar acolhimento devido nas situações de crise com intuito de amenizar os conflitos ocasionados por crises existenciais ou outras desordens. Essa necessidade é notória no depoimento do E02, ao destacar a latente necessidade do educador nesse processo de escuta e acolhimento, como se destaca abaixo:

Poderia ajudar de uma forma que não assustasse as pessoas que estão passando por isso (...) **(E02 –F– 13a)**

Eu acho que toda escola deveria ter um psicólogo e deveria fazer tipo palestras sobre depressão, suicídio que é uma coisa comum nos adolescentes hoje em dia e para prevenir muitas coisas ruins como massacres (...) **(E07 – F – 14a)**

Meio que criando uma sala com uma psicóloga ou psicólogo para essas pessoas conversarem já que ela tem medo de falar com a família já que a família vai criticar. **(E12 – M – 14a)**

Quando se analisa os discursos do E07 e E12, nos vem à tona toda a importância do psicólogo no ambiente escolar, pois estes representam significativas mudanças na desenvoltura do aprendizado do aluno, pois o olhar psicossocial é o que o diferencia dos demais profissionais. Para tanto, também é relevante falar acerca do papel do psicólogo no ambiente escolar aliado a uma comunicação que envolva outros profissionais que integram a instituição, para que dessa maneira exista um fortalecimento de vínculos e suporte, uma vez que nos deparamos com dificuldades da inserção do psicólogo na escola, principalmente de rede pública que é onde se encontram a maior parcela de crianças e adolescentes em caso de vulnerabilidade. Assim, se faz necessário inserir cada vez mais a referida demanda nas agendas

públicas a fim de fomentar políticas públicas que garantam a inserção de psicólogos nas escolas (PENTEADO, 2010 *apud* COUTINHO *et al.*, 2015).

Desse modo, se compreende que instrumentos que ampliam e qualificam as políticas educacionais devem estar inseridos sempre com prioridade nos governos, já que a educação é um direito fundamental básico previsto na Constituição Federal, assim como o princípio basilar da dignidade da pessoa humana, sendo perfeitamente justificáveis para o aperfeiçoamento dos profissionais que ingressam nas redes de ensino público (COUTINHO *et al.*, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo se propôs a pensar nos motivos que desencadeiam o comportamento autolesivo em adolescentes de determinada escola na cidade de Juazeiro do Norte-CE, utilizando um grupo amostral para apresentar de forma minuciosa os fatores que envolvem a temática, como uma maneira de provocar uma reflexão acerca dos mecanismos que podem ser usados para conter a conduta em comento.

Pôde-se notar que a prática autolesiva faz parte do contexto de alguns adolescentes no âmbito escolar, com causas que muitas vezes advém de laços enfraquecidos ou rompidos no seio familiar, o que induz ao ato. Notou-se também, que de acordo com as sequências discursivas a importância que a família desempenha somada ao apoio dos educadores faz total diferença para obtenção de progresso nesse processo, uma vez que escutar esses adolescentes de maneira compreensiva e sem julgamentos ou críticas é de suma importância para o seu desenvolvimento, pois a fase da adolescência é dotada de inúmeras conturbações, considerando também o surgimento da puberdade o que acaba sendo um assunto delicado de abordagem por ainda ser um tabu na nossa sociedade, uma vez que engloba aspectos para além do social e cultural.

Vale ressaltar o papel da escola e de seus educadores com relação às condutas que oprimem, ridicularizam e geram sofrimentos para os alunos, como é citado em um discurso sobre a vivência do *bullying*, é dever da escola promover uma conscientização na busca de estratégias que incluam todos os alunos e tenha como pilar o respeito independente de tudo. Com isso, esses tipos de comportamentos opressores aos poucos vão perdendo espaço no ambiente escolar e também não obterão força para sobrepassar fora deste, o que justifica a importância da interação

entre os familiares e o núcleo gestor da escola, que deve possuir uma equipe qualificada para lidar com essas situações.

Algumas patologias também foram associadas às condutas autolesivas, assim como se destacou alguns transtornos e comorbidades que foram essenciais para compreender a magnitude do comportamento em análise, já que a autolesão não suicida (ANS) além de estar vinculada a outros transtornos, ocupa posição independente no rol de patologias do DSM-V.

Para tanto, os resultados do estudo puderam apontar que o olhar psicossocial de um profissional da Psicologia se torna fundamental para o progresso do acompanhamento do adolescente que pratica a autolesão, já que a saúde mental dos jovens é constantemente atingida por fatores interpessoais em face das repentinas mudanças que compreendem desde um contexto familiar e abrangem outras áreas como relacionamentos e a vida escolar. Isso reforça a necessidade de inserção de um profissional da Psicologia na escola para que questões socioemocionais possam ser trabalhadas junto às cognitivas, possibilitando o melhor enfrentamento de situações adversas dos adolescentes que praticam a autolesão, com isso, vislumbra-se a possibilidade de avaliar com mais ênfase as variáveis pertinentes às práticas autolesivas.

Destaca-se ainda, que não se pretende esgotar aqui as possibilidades de estudo acerca da autolesão em adolescentes, uma vez que esta surge com grande relevância na atualidade, pois é na adolescência que o indivíduo se torna mais vulnerável a esta prática. As experiências vivenciadas no âmbito educacional despertaram-me o interesse pela temática que será mais aprofundada numa especialização e/ou mestrado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.S. CRISPIM, M. S. S. SILVA, D. S. PEIXOTO, S. P. L. **A prática da automutilação na adolescência**: o olhar da psicologia escolar/educacional. Ciências Humanas e Sociais. Alagoas. v. 4. n.3, p. 147-160. Maio de 2018. Disponível em: < <https://www.passeidireto.com/arquivo/64479768/a-pratica-da-automutilacao-na-adolescencia-o-olhar-da-psicologia-escolar-educacional> > Acesso em: 08 ag. 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARRETO, M. J. e RABELO, A. A. **A Família e o Papel Desafiador dos Pais de Adolescentes na Contemporaneidade**. Pensando fam. vol.19 no.2 Porto Alegre dez. 2015. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004> Acesso em: 27 out. 2019.

BECKER, D. **O que é adolescência**. 11. Ed São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa: do nascimento à terceira idade**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

BORGES, C. N. L. O. **A Flor da pele: algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão**. Dissertação Mestrado. Instituto Universitário de Psicologia Aplicada. Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2282/1/14892.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BOB, M. B. **Educação inclusiva em uma sociedade excludente: desafios da gestão educacional em escolas pública de Cruzeiro do Oeste-PR**. Cruzeiro do Oeste – Brasil, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/1214> Acesso em: 03 out. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 17 mar. 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm >. Acesso em: 17 mar. 2019.

COUTINHO, André et al. **A psicologia na escola - (re)pensando as práticas pedagógicas**. Psic. da Ed., São Paulo, 40, 1º sem. de 2015.

CUNHA, J. M. P. da. JAKOB, A. A. E. HOGAN, D. J. CARMO, R. L. **A vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas**. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Minas Gerais, 2004.

DEMARTINI, Z. **Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais**. In.: SIMSON, O. R. (org.) Experimentos em histórias de vida. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

FREITAS, M. L. S. **Afrontamento e superação de crises: contribuição da Logoterapia**. 2. ed. – Ribeirão Preto: Editora IECF, 2018.

LIBANEO, J. C. Psicologia educacional: uma avaliação crítica. In: LANE, S. T. M.; CODOS, W. (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 154-180.

OLIVEIRA, T. A. de A. **Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?** Disponível em: <<https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/handle/bahiana/326>> Acesso em 22 out. 2019.

OLIOSI, J. T. **Relações de amizade**: uma investigação das interações dos adolescentes no contexto escolar. Minas Gerais – Brasil, Agosto de 2012.

Disponível em:

<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tY1cLweL8jAJ:https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%2520Joelma%2520Tose%2520Oliosi.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>>

Acesso em: 03 out 2019.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, M. T. R. F. **Bullying e comportamentos autolesivos não suicidários na Adolescência**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais em Perturbações Psicológicas e Saúde. Disponível em:

<<http://hdl.handle.net/10316/34068>> Acesso em: 28 out. 2019.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A Pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico**: do Planejamento aos textos da escola à academia. São Paulo: Dêspel, 2002. Acesso em: 19 de mar.2019.

RAPOPORT, A. SILVA, S. B. da. **Desempenho escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social**. Disponível em:

<<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/educacaoemrede/index>> Acesso em: 18 out. 2019.

RAMOS, A. K. S. **Bullying: A violência tolerada na escola**. 2008. Disponível em:<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>. Acesso em:

03 nov. 2019.

SANTOS, L.C.S. & FARO. A. **Aspectos conceituais da conduta autolesiva: Uma revisão teórica**. Juiz de Fora, 2018. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472018000100002> Acesso em: 03 out. 2019.